

Apresentação

A discussão do conceito de patrimônio e de museu, as narrativas e sentidos por eles construídos, conduziu a organização deste número da revista *Em Questão*. Como escreve o museólogo Mario Chagas, no artigo que abre a edição, tanto o campo museal quanto o domínio patrimonial são instrumentos de mediação, portas (ou portais) que ligam e desligam mundos, indivíduos e tempos históricos. Espaço de grande comunicação e visibilidade, torna-se fundamental compreendê-los na sua dinâmica social, nos seus limites e possibilidades. Mais do que uma escolha meramente editorial, a pertinência de tal tema coincide com a abertura de mais um curso na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Bacharelado em Museologia, uma habilitação que irá repercutir em um mercado de trabalho carente de formação acadêmica. Uma pesquisa, realizada em 2006, revelou que não há profissionais habilitados atuando na maioria das 168 instituições museais públicas e privadas em funcionamento no Rio Grande do Sul.

A proposta do curso, empreendido pelo Departamento de Ciências da Informação da Fabico/UFRGS, é formar profissionais para atuar no campo da Museologia, contribuindo para a construção da cidadania, por meio da difusão e da preservação da memória, do patrimônio e da cultura das sociedades numa perspectiva contemporânea. Em busca de um agente profissional crítico e dinâmico, atento aos novos lugares da memória e da cultura na sociedade da informação, procurou-se superar o antigo enfoque disciplinar que pauta a maioria dos cursos de graduação. De acordo com os novos paradigmas do conhecimento, deseja-se uma nova forma de diálogo acadêmico. A fim de contemplar temas polissêmicos como memória, patrimônio e cultura, planejou-se um currículo interdisciplinar, fluido e aberto, calcado em uma razoável autonomia para que o próprio aluno possa circular, a partir de suas opções pessoais, entre um vasto leque de atividades de ensino, pesquisa e extensão. A base interdisciplinar e complexa de sua trama, a autonomia do aluno, além da oportunidade precoce de realização de estágios, são possibilidades que o currículo do curso de Museologia oferece para que seus discentes possam ingressar e reconhecerem-se no mundo de provocações, desassossegos e reencantamentos próprios do museu contemporâneo.

A edição da revista abre com uma reflexão sobre o difícil e múltiplo conceito de patrimônio, suas relações intrínsecas com o poder, com a propriedade, seja material ou espiritual, econômica ou simbólica e a sua vinculação à idéia de preservação. Defende que o que está em jogo nos museus e no domínio do patrimônio cultural é memória, esquecimento, resistência e poder, perigo e valor, múltiplos significados e funções, silêncio e fala, destruição e preservação. Uma perspectiva histórica do colecionismo e da formação do museu de arte, desde os santuários gregos até o museu como centro e shopping cultural contemporâneo, conduz o artigo seguinte. As relações entre bens culturais e o espaço urbano são os eixos de discussão de mais dois textos, trazendo à tona temas como a implementação, no Brasil, da política de preservação do patrimônio imaterial, uma tentativa de ampliar o reconhecimento das memórias coletivas, atendendo grupos excluídos da cultura dominante fundada na materialidade. Destacam-se, também, as transformações urbanas da cidade de Porto Alegre, seus planos e programas de preservação e valorização do patrimônio no século XX até a intervenção contemporânea do projeto Monumenta e suas táticas de renovar e interferir no cotidiano, na imagem e na memória do centro da Capital. Encerra o segmento temático uma reflexão sobre o festejado Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, que oferece uma perspectiva de fruição a partir do espetáculo, do efêmero temporário e das novas tecnologias multimidiáticas e digitais.

Nossa revista acolhe também três artigos versando sobre temas paralelos. O primeiro deles apresenta uma panorâmica sobre o processo retórico de hibridação, índice fundamental para compreender a visualidade contemporânea, que tem a tela do computador como suporte híbrido por excelência. O texto posterior dedica-se a resgatar momentos pontuais da revista *Visão*, semanário jornalístico alinhado ao regime militar e que, paradoxalmente, abrigou um conjunto de jornalistas e colaboradores identificados com posições políticas de esquerda. Em 1973, Wladimir Herzog é o editor da cobertura cultural e os livros resenhados naquele ano constituem o foco do artigo. A edição encerra com uma discussão sobre a opinião no jornalismo cultural, como o crítico de arte se manifesta em resenhas e críticas e seu papel no campo de produção artística.

Desejamos uma boa leitura,

Ana Maria Dalla Zen

Cida Golin

Equipe Editorial *Em Questão*